

História, Ficção e Identidades em “El Masacre se pasa a pie” de Freddy Prestol Castillo

Richard J. Suriel (PPGL/UFRR)ⁱ

Maria Helena Valentim Duca Oyama (PPGL/UFRR)ⁱⁱ

Resumo:

A República Dominicana está situada na região caribenha e faz fronteira com a República do Haiti. Duas nações que enfrentaram lutas através dos tempos, tendo como resultado abnegações, racismo e preconceito. O trabalho que apresentamos está baseado na pesquisa que está em andamento, a partir da obra do escritor dominicano Freddy Prestol Castillo, El Masacre se pasa a pie (1998), onde buscaremos compreender como história e ficção são tecidas ao longo da narrativa, cujo foco é o genocídio histórico de haitianos no rio Masacre, em 1937, no espaço da fronteira norte da República Dominicana e da República do Haiti. A hipótese que apresentamos é a de que o racismo, o preconceito, a violência e aspectos negativos relacionados à ditadura que caracteriza a República Dominicana estão ligados e enraizados na memória da população dominicana.

Palavras-chave: Ficção, República Dominicana, Violência, História

1 Introdução

A República Dominicana, cuja capital é Santo Domingo, está situada na região caribenha. Faz fronteira com a República do Haiti e é vizinha de Cuba, das ilhas Bahamas, da Jamaica, de Porto Rico, das Ilhas Virgens, da Martinica e outras ilhas que são produtos da colonização dos europeus, a partir do dito “descobrimento” do continente americano, no ano de 1492, chamado “Novo Mundo”. Como suas vizinhas, a República Dominicana sofreu as consequências de fatos históricos que até hoje ecoam na cultura e na sociedade daquele país.

Assédios de piratas de várias nacionalidades, como franceses e ingleses, quando da disputa europeia pela posse das riquezas dos territórios da região, que compreende especificamente da ilha Hispaniola, após a chegada de Cristóvão Colombo no século XV, provocaram a divisão desta ilha em duas, Saint-Domingue (lado francês, atual República do Haiti) e Santo Domingo (lado espanhol, atual República Dominicana), contribuindo para que os conflitos entre estas duas nações vivessem em conflitos, principalmente a partir do Tratado de Ryswick, em 1695-97, segundo o historiador dominicano Frank Moya Pons (1995).

Apesar da resistência dos espanhóis que viviam na ilha, na tentativa de evitar as demarcações dos limites geográficos entre as duas colônias, a divisão territorial permitiu a entrada de trabalhadores pagos e de escravos africanos para trabalhar a terra, gerando riquezas na chamada “Pérola das Antilhas”, em pleno século XVIII. Neste mesmo século, novas invasões foram travadas pelos haitianos a Santo Domingo, reunificando a ilha, no período de 1805 a 1844, quando encontraram resistência da chamada Trinitária, liderada por Juan Pablo Duarte (PONS, 1995, p. 255). Para não sofrer a ameaça de voltar ao domínio haitiano, em 1861, a pedido da elite dominicana Santo Domingo voltou ao domínio espanhol Santo Domingo até 1865, quando, finalmente, foi proclamada a independência do país, agora República Dominicana.

ⁱ**Richard Junior Suriel, aluno mestrando em Letras**

Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) Universidade Federal de Roraima (UFRR)
E-mail: richardsuriel46@hotmail.com

ⁱⁱ**Profa. Dra. Maria Helena Valentim Duca Oyama**

Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Vice-Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL)
E-mail: mhoyl@hotmail.com

Porém, a nova nação não ficou livre de invasões. No início do século XX, a República Dominicana sofreu novas invasões, desta vez, pelos norte-americanos, em 1916, o que já vinha acontecendo um ano antes na República do Haiti. Em ambos os países, os norte-americanos passaram quase vinte anos.

Os limites geográficos, das fronteiras da República Dominicana e da República do Haiti foram tema de questões políticas ao longo do século XX. A mão de obra barata haitiana alimentou a imigração na República Dominicana na fronteira dos dois países, problema que os governos ditatoriais não souberam resolver pacificamente. Após a saída dos norte-americanos, no ano de 1924, o genocídio de milhares de haitianos que tentaram cruzar o rio Masacre, na fronteira norte entre as cidades de Dajabón, do lado dominicano e Gonaïves, do lado haitiano, sob as ordens do ditador Rafael Leónidas Trujillo, é um dos fatos significativos que parecem ter influenciado a construção identitária da República Dominicana, em seu processo de modernização.

O autor do livro “El masacre se pasa a pie” é Freddy Prestol Castillo nasceu na cidade de San Pedro de Macorís, situada na zona leste da República Dominicana. Além de narrador e ensaísta, ele exerceu a advocacia e foi muito prestigiado no país. El Masacre foi seu primeiro romance, publicado no governo de Joaquin Balaguer, sucessor de Trujillo. Para o historiador Frank Moya Pons (PONS, 1995), Castillo teve uma das mentes mais criativas e foi um intelectual que morreu pela causa do Estado.

2 Historia e Ficção no Romance

A história, ficção e literatura têm familiaridade na escrita e olhar dos escritores e historiadores são termos que complementam uns de outro. A combinação de história e ficção literária não é uma apresentação de nossos tempos, pelo contrário, os dois gêneros sempre estiveram vinculado, desde faz muito tempo.

A união da história e da ficção supõe o estabelecimento claro sobre narrativa histórica e ficção. Segundo Linda Hutcheon “O historiador só poderia falar a respeito daquilo que aconteceu, a respeito dos pormenores do passado; por outro lado, o poeta falaria sobre o que poderia acontecer, e assim poderia lidar mais com os elementos universais. (HUTCHEON, 1991.p.142) Pode-se perceber a diferenciação que a autora faz do historiador e do poeta, pois além de ser totalmente diferente, tem mistura pois a história fala sobre acontecimentos passados que ficam plasmados nas lembranças dos leitores mas o poeta falaria em questão do presente e do futuro já que vai misturar a literatura com a ficção trazendo o jogo de palavras.

Na literatura a ficção está presente o tempo todo, pois o jogo de palavras oferece uma viagem imaginária, porém tem que existir uma história que vai dar vida aos personagens que habitem na leitura contada.

Para Hutcheon, a história está vinculado ao social e cultural “A história, ela parece estar inevitavelmente vinculada àquele conjunto de pressupostos culturais e sociais contestados que também condicionam nossas noções sobre a arte e a teoria atuais: (HUTCHEON, 1991.p.120), porém muitos fatores históricos das sociedades são hoje em dia de incidência sócia e cultural.

No romance do escritor dominicano Freddy Prestol Castillo tem os conceitos de história e ficção que Hutcheon mostra, já que o autor esquematiza as matanças dos haitianos misturando a história com a ficção e a literatura, mostrando a realidade acontecida há, mais de dez décadas.

Castillo faz um bom uso da ferramenta literária quando diz que: “*La noche cae lentamente. Tierra triste y desolada. Desde hace días no cantan los pájaros, que parecen Haber huido.*” (CASTILLO, 1998.p.33)ⁱⁱⁱ. Neste momento, o autor poetiza o entorno fronteiro com a violência

ⁱⁱⁱ “A noite desce bem devagar, terra triste e solitária. Os pássaros não cantam há muitos dias e parece que sumiram.”

ocorrida naquele lugar, pois a história e a ficção estão bem esquematizadas nesta parte de modo que o leitor viaja através de seu pensamento remontando-se a época passada onde a democracia estava escasseada e os homens que acreditavam em mudar as ideologias da época, eram calados no silêncio da noite.

Não havia liberdade de expressão, já que foi oprimida naquele período triste da sociedade dominicana. Para Hutcheon. “O historiador só poderia falar a respeito daquilo que aconteceu, a respeito dos pormenores do passado; por outro lado, o poeta falaria sobre o que poderia acontecer, e assim poderia lidar mais com os elementos universais”. (HUTCHEON, 1991.p.142), porém Castillo fala daquele caso que aconteceu no ano 1937, trazendo a história cronologicamente contada desde quando ele estava na faculdade até formar-se como advogado e desempenha o cargo de advogado naquele lugar bem longe da capital a onde ninguém queria ir, já seja pela transformação democrática que significa para os cidadãos da zona fronteiriça o pela difícil situação vivida no século XVIII, onde espanhóis e franceses tiveram fortes brigas pelas terras.

O autor começa a narrativa contando seus tempos de infância, pois ele convida o leitor ao passado, indo da primeira intervenção militar que teve a República Dominicana no ano 1916 até 1924. Descreve os tempos na escola onde os professores não queriam ensinar os limites geográficos da fronteira Domínico- Haitiana. “*El maestro había pronunciado una palabra rara: “Dajabón”...Se refería a una aldea lejana de mi país. Era en la clase de “Geografía Patria” y tratábase de límites entre la República Dominicana y la República de Haití.*” (CASTILLO, 1998, p.17).^{iv} A curiosidade de criança vai longe, pois o autor mostra seu interesse em conhecer a fronteira, além da ignorância do professor que parece ser egocêntrico. Não admitia que houvesse outras cidades, ele ministrava aula de geografia, mas seus conhecimentos geográficos estavam limitados à pequena burguesia do começo de século XX.

No primeiro capítulo, o narrador conta a história funcionalizando a ficção além de que ele não é poeta, já que sua profissão é advogado dentro de seu trabalho fazia de escritor, sua escolha foi muito importante para os leitores hoje em dia, mostrando dotes fisionais da história dominicana e acontecimento que deixaram que as duas populações fiquem longe uma de outra.

Segundo Hutcheon, “O romance e a história têm revelado com frequências suas afinidades naturais por intermédio de seus denominadores comuns em termos de narrativa”. (HUTCHEON, 1991.p. 123) nesta parte, pode-se notar que os acontecimentos mostrados no romance se mesclam em história e ficção levando o narrador a fazer um jogo de ideia na escrita.

Além disso, observamos os comportamentos aliados ao preconceito na obra *El Masacre se pasa a pie*, considerando as falas, os discursos, o preconceito, que é percebido em todos os capítulos contidos no romance, já que muitos personagens se acham superiores aos haitianos, pois são chamados de “ladrões”, e, além disso, são tratados como animais, utilizando expressões pejorativas, esquecendo a origem do dominicano.

Yo tengo que jablay con ei generai... eto “mañese” (los haitianos) me han acabado!... Ya no me para una “salea” ni una becerra... No tengo una res... y de ante, no podía caminai por la sabana... poi que entonce no era má que una mancha prieta de ganao... ah! “mañese” del Diablo! (CASTILLO, 1998.p.36)^v

^{iv} “O professor havia falado uma palavra esquisita “Dajabón”, fazendo referências ao ponto mais longínquo de meu país. Eram as aulas de “Geografía Pátria” e tratavam-se dos limites da República Dominicana e a República do Haití”.

^v “Eu tenho que falar com o General...os desgraçados haitianos roubaram tudo!... já não tenho nem uma bezerrinha... Não tenho nem uma vaquinha... antes, não podia caminhar pela savana... já que era apenas uma mancha preta do gado... ah!.... desgraçado do Diabo!”

É interessante ressaltar que quando se fala sobre preconceito relacionado aos haitianos temos licença para fazê-lo, ou seja, em alguns casos se justifica o preconceito por várias razões, começando pelo fato de serem duas nações muito diferentes depois por razões culturais e principalmente por fatos históricos de ordem sociológica e política que justificam qualquer atitude de abnegação da população dominicana.

Para Halbwachs (2004), a memória coletiva e a memória individual são conceito entrecruzado. Ele afirma que:

A memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva.” (HALBWACHS, 2004, p. 55).

Partindo da afirmação acima e da leitura feita até o momento sobre a colonização da Hispaniola, podemos afirmar que a memória coletiva dos dominicanos foi construída ao lado da memória coletiva dos haitianos. Assim, a memória dos dominicanos está suscetível, mostra resistência em reconhecer os valores africanos, dos haitianos, por conta dos aspectos negativos que se acumularam ao longo da história das duas nações, pois, como afirma o autor, a memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o passado apreendido pela história escrita.

Assim, as sucessivas invasões dos haitianos à República Dominicana é uma sucessão de acontecimentos marcantes na história de um país. Nesse sentido, a memória coletiva pauta-se na continuidade e deve ser vista sempre no plural (memórias coletivas). Segundo Apresentação de Castillo em um de seus personagens mostra o impossível esquecimento “-*Muchachos! Pa'lante... Pa' acabá con estos negros, con esta “garrapata”, que se han cojío la tierra de los dominicanos! Pa'lante!* (CASTILLO, 1998.p.33).^{vi} Ora, justamente porque a memória de um indivíduo ou de um país está na base da formulação de uma identidade, que a continuidade é vista como característica marcante. A memória coletiva pode sustentar manifestações de racismo e de preconceito.

Já o autor Michael Pollak, ao caracterizar a relação entre memória e identidade, define que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente) (POLLAK, 1992, p. 200). O autor defende que, ao relacioná-la com a identidade, afirma que na questão há valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e em conflitos que opõem grupos sociais e políticos diversos.

Porém, o preconceito racial na República Dominicana parece ser um legado colonial que ainda existe, embora não haja registros nem razões para o aumento do racismo. Entretanto, segundo DIJK (2010), o racismo tem uma dupla velocidade e uma característica particular e, no caso dos dominicanos, a velocidade dupla é que existe racismo entre os eles mesmos. O branqueamento se torna muito mais (ou menos) consciente e servindo de degrau para a promoção e reconhecimento social. Portanto, os dominicanos não se consideram racistas ou reconhecem o racismo nas práticas cotidianas da cultura dominicana, o que exemplifica DIJK, “sem o conhecimento acerca do racismo, não sabemos como o discurso encontra-se envolvido em sua reprodução diária (DIJK, 2010, p.135)”.

^{vi} “Meninos! para frente... para acabar com esses pretos que roubaram a terra dos dominicanos”

E muito difícil ser parte de um discurso racista que foi tecido por vários anos e que persiste em negar que a cor negra está sendo esquecida em suas verdadeiras origens. Nesse sentido, Memmi também afirma que: “Será nacionalista e não racista, propriamente, mas xenófobo, pois “o racismo do colonizado- como diz o autor não é rigor, nem biológico, nem metafísico, mas social e histórico”“. (MEMMI, 1967.p.13).

3 Identidades no Romance

O contato do espanhol com os nativos da ilha eram desde o início conflituoso, tanto que produziu o desaparecimento progressivo, mas implacável dos nativos, segundo Jaime de Jesus Dominguez. *Los combates con los españoles. Los genocídios cometidos por estos últimos contra mujeres, niños y ancianos indefensos. La muerte por hambre y por las enfermedades causadas por la desnutrición.* (DOMINGUEZ, 1999. p.15)^{vii} Da cultura Taina tem poucas presenças étnica e os tainos só se mostra no aspecto materiais. Vários desses aspectos persistiram até o a chegada do escravo Africano, que os incorporou a seus costumes e hábitos de trabalho.

Castillo descreve seu primeiro capítulo remontando-se começo de século XX, da mostra das identidades “*Mi padre tenía vastos campos sembrados de caña de azúcar. Yo no conocí ese paisaje, ni el barracón de los sembradores negros, ni la dureza de los soles. No conocía lo que había dentro de aquellos bohíos, achatado y tristes.* (CASTILLO, 1998. p.18)^{viii} já que ele assinala o nome utilizado pelos Tainos quando diz “bohío” que era o lugar onde eles moravam também descreve o trabalho e o cultivo dos primeiros povos da ilha que foi a cana de açúcar.

Nesse sentido as identidades dominicanas ficaram muito fragmentadas, com a morte e migração a outra ilha da maioria dos primeiros habitantes indígenas, além de que outras culturas chegaram a povoar a Hispaniola, sendo mistura do branco espanhois, negro africano e o taino, descendente dos arauacos, que posteriormente se estabeleceram em Cuba e Jamaica.

Trata-se de uma população que começou um processo de mestiçagem há muito tempo, já que os colonizadores trouxeram suas próprias regras para os nativos e os novos imigrantes da ilha que foram os africanos, tratados também como escravos. Segundo Kathryn Woodward. “A identidade é marcada por meio de símbolos; por exemplo, pelo próprios cigarros que são fumados em cada lado. Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.(WOODWARD.2000.p.13). Porém, hoje os dominicanos mantem vivos os Tainos em elementos, figuras e ferramentas que eram usadas por eles, antes da chegada dos colonizadores, a diferentemente de outras nações que tem etnia característica de seu primeiros moradores.

Em outras palavras, a mistura ocorrida na ilha deixa de lado as verdadeiras identidades que poderiam existir na atualidade, porém o preconceito que leva a esquecer dessa combinação foi muito longe, pois os dominicanos não aceitam ter sido misturado com negros escravos, mas estão muito a favor que a mistura foi com o branco espanhol.

Para Castillo *Los cantares son de Haití. Hay en la piel un color cobre que resulta del cruzamiento de nuestros negros y el haitiano. Las negrillas de la señora principal del pueblo han casado todas, con haitianos* (CASTILLO, 1998. p.31)^{ix}. Ele argumenta que as identidades estão marcadas entre os dominicanos e os negros haitianos.

^{vii} As brigas com os espanhóis. Os genocídios causados contra mulheres, crianças e idosos indefesos. As mortes de fome e doenças causadas pelas desnutrições.

^{viii} Meu pai tinha muitas fazendas de cana de açúcar. Eu não conhecia essas passagens, nem onde moravam os trabalhadores pretos, nem o sol quente. Não sabia o que existia naquelas casas pequenas e tristes.

^{ix} Os cânticos são do Haití. Tem pele cor de cobre da mistura de nossos pretos com haitianos. As nequinhos da senhora principal do povo casaram-se todas com haitianos.

Segundo ele, temos mais descendência das etnias haitianas do que das dos espanhóis, pois além de compartilhar a mesma ilha, Sabe-se que os “Quisqueyanos” (nome dos nativos da parte leste ante da independência de 1844) tiveram mais lutas e conflitos com os haitianos que com os brancos espanhóis, já que os europeus foram quem verdadeiramente escravizaram toda a ilha Hispaniola.

A história dominicana mostra os haitianos como pessoas que não são valorizadas, pode ser que isso tenha a ver com sua condição econômica ou pela cor de sua pele, na verdade, ninguém pode ler a mente de todo os dominicanos. Para conhecer a verdade sobre a abnegação que tem quase dois séculos, o que se pode perceber é que o sistema dominicano, que valoriza os brancos e despreza os pretos.

Em “*El masacre se pasa a pie*” a história de identidade de Moraime Luis, que foi criada por Francina, dona do único hotel que existia em Dajabón, na época, que teve a coragem de enfrentar os militares: “*Moraime Luis no conoce sus parientes en Haití, hija de una haitiana lavandera a quien esta tarde sacaron del patio del mesón.* (CASTILLO, 1998.p.39).^x Mas Francina a criou como se fosse sua filha sem importar o passado histórico que tiveram estes dois povos divididos só pelo rio Massacre. Ela só olhava o coração e a gentileza desta haitiana que assumiu desde quando era criança, pois foi mãe e amiga; que percebeu suas afinidades e identidades. O clamor de Moraime Luis era como um grito no deserto, que ninguém queria ouvir; o governo tinham toda uma estrutura para maltratar e matar todos os haitianos que moravam na fronteira.

Um povo que não tinha salvação, pois o único caminho seguro era ser jogado no rio Masacre morto, como se fosse animal ou um lixo que se joga no cesto, sem sentimentos, pois a crueldade descrita pelo autor é questão de valentia e coragem que leva a pensar o horror afrontado pelos haitianos a procura de salvar sua vida, seu único pecado foi haver nascido com a cor da pele preta, uma falta grave para o governo dominicano.

Depois que a personagens Francina arrumou algumas coisas para Moraime procurando salvá-la a haitiana se recusava a partir, pois se dirigia a uma terra onde nunca viveu, da qual não sente saudade, onde seria estrangeira pois ela se sentia dominicana, tinha toda uma vida na parte leste da ilha que impedia sua volta àquela nação que já não era a sua “*Entonces tuvo la intención de gritar a todo pulmón: -No! ¡No! Soy dominicana! Esta es mi tierra!... Aquella no es mi tierra!* (CASTILLO, 1998. p.41)^{xi}. Seus gritos não chegaram muito longe, pois ela foi ouvida pelos reservistas. Mas ela tinha identidade dominicana, viveu sua vida toda nesta parte da ilha, foi criada por uma dominicana, de quem adquiriu a língua, a cultura, o modo de ser dominicana.

Esta situação de irmandade se apresenta no romance, onde os dominicanos que moravam na fronteira tinham um sentimento fraternal para com os haitianos, esquecendo-se do passado de conflitos que tiveram na época. Porém, as identidades sempre serão marcadas entre os dominicanos e haitianos, já que as duas populações cresceram juntas através dos tempos.

4 Racismo no romance

O racismo é o conceito que atravessa todo o romance, Castillo mostra as consequências advinda do racismo propagado no governo do ditador Rafael Leonidas Trujillo.

Segundo o romancista franco-marroquinoTahar Ben Jelloun, em seu livro Papá, qué es el racismo?, o racismo é “desconfiar de las personas com características físicas y culturales distintas

^x Moraime Luis, não conhece seus verdadeiros familiares no Haití, ela é filha de faxineira haitiana, esta tarde foi retirada da pousada do pequeno povo.

^{xi} “Em seguida teve a intenção de chorar e falar, não !não, !sou dominicana! Aqui é minha terra, aquela não.”

de las nuestras, e incluso también em despreciarlas” (JELLOU, 2004. p.22), desprezo, e ódio são os conceitos básicos que vão junto ao racismo que são mostrados no romance. Porém, o fato de que os dominicanos apresentem características faciais diferentes e sua cultura e tradições sejam diferentes com relação ao haitiano faz com que o racismo aumente ainda mais entre essas duas populações.

Estas diferenças trouxeram grandes conflitos que são percebidos hoje em dia nas ruas de toda a República Dominicana, constatada em certas falas de discriminação que dizem para as pessoas de cor de pele preta, já que o preconceito não só é para os haitianos. Existe uma abnegação e odiar a tudo o que é preto. Porém, muitos dominicanos sofrem preconceito ao serem confundidos com haitianos, devido a sua cor da pele.

Castillo mais para frente conta á historia de Juan Nazario homem trabalhador do campo, casado com uma mulher haitiana. Mesmo ele estando casado com uma mulher haitiana, também apresenta preconceito, pois discriminava até seus próprios filhos, com expressões de ódio só porque são pretos: “*Juan Nazario, en momento de ira, -¡Malditos negros éstos!... que debían matarlos a tóo... pa que se larguen de una vez!... no vale criá... tó se lo llevan!* (CASTILLO, 1998.p.77)^{xii}. De certo modo o problema da não aceitação dos haitianos se mostra no romance até na mesma família, comparada com os tempo atuais percebemos que não houve muita mudança.

Note-se que o racismo pode estar ligado a outras manifestações de ódio, de xenofobia, porém, as pessoas precisam sentir-se protegidas, não compartilham muito da ideia que quebre seus esquemas, sempre se tem do que desconfiar das coisas novas frequentemente. Sentem medo dos estrangeiros porque não conhece. E se é mais pobre que ele, como ocorre no caso dos haitianos como são mais pobres que os dominicanos o racismo ainda está presente, se desconfia de um pedreiro haitiano, mas não um multimilionário norte-americano.

O conceito que Albert Memmi apresenta é que “será nacionalista e não racista, propriamente, mas xenófobo, pois “o racismo do colonizado- como diz o autor não é rigor, nem biológico, nem metafísico, mas social e histórico”“. (MEMMI, 1967.p.13). Pode-se perceber que a abnegação entre República Dominicana e República do Haiti data de mais de dois séculos, porém são brigas de interesses que a levada a afastar a irmandade que possa ter estas duas nações, divididas só pelo rio Massacre, onde as mortes do passado ficaram na cabeça dos haitianos, mas o dominicano não quis esquecer esta corrente de crueldade do racismo ocorrida na época.

^{xii} Juan Nazario em momento de raiva, -!Malditos pretos etos! Deveriam morrer todos... para que sumam de uma vez...! não vale a pena criá-los... são ladroes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALAGUER, Joaquin. **La Isla alreves**. Santo Domingo: Editora Corripio, C.por.A, 1994, 8ª ed.
- CASTILLO, Prestol Freddy. **El masacre se pasa a pie**. 11ª ed. Santo Domingo: Ediciones Taller.1998.
- DA SILVA, Tomas Tadeu. **Identidade e diferença. a perspectiva dos estudos culturais**. 9ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2009.
- DOMINGUEZ, Jaime de Jesus. **Historia Dominicana**. 1ª ed. Santo Domingo: Editorial Letra Gráfica, 2006.
- DIJK, Teun A. Van. **“Discurso e Poder”**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memoria Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffeter. São Paulo: Edições Vértices. 1990l.
- JELLOUN, Tahar Ben. **Papá, ¿qué es el racismo?...** Trad. Malika Embarek López. Madrid: Grupo Santillanas de Ediciones, S.A., 2000.
- MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. de Roland Corbisier e Mariza Pinto. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967.
- PONS, Frank Moya. **Manual de Historia Dominicana**. 10ª ed. Santo Domingo: Editora Corripio, C.por.A. 1995.